



Jornal Notícias

10-08-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

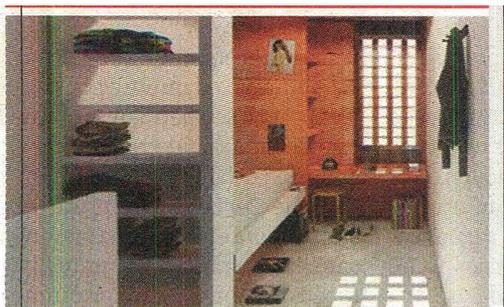
Tiragem: 60963

Temática: Justiça

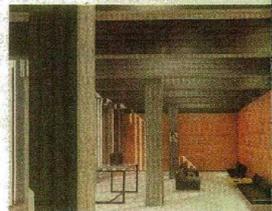
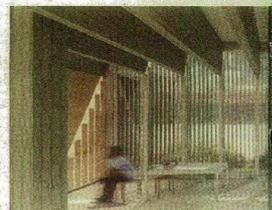
Dimensão: 2467 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/14/15



Justiça Prisões
sem grades não vão
facilitar as fugas P. 14 e 15



Novas prisões sem grades para apostar na reinserção

Primeiras cadeias com quartos e salas de estar nascem no Montijo e em Ponta Delgada. Arquitetura é mais agradável do que nas prisões atuais, mas não vai ser mais fácil fugir

Inês Banha
 ines.banha@jn.pt

PROPOSTA Os beliches, as pequenas salas de estar, o campo de futebol e, até, os blocos ligados por passarelas abertas entre o verde fazem lembrar ora um hostel ora uma escola secundária. Mas, na realidade, os detalhes são apenas um vislumbre de como serão, em traços gerais, os novos estabelecimentos prisionais do Montijo e de Ponta Delgada (Açores), com construção anunciada para breve.

Há alamedas arborizadas, espaços para atividades, quartos; faltam as tradicionais celas e grades. O que não quer dizer, ressalva o autor do programa-base da iniciativa, Jorge Mealha, que exista livre circulação no interior da cadeia ou maior facilidade em escapar para o exterior. O objetivo é apostar, mais do que no castigo, na reinserção social e profissional dos reclusos.

“As grades são mais sim-

bólicas do que outra coisa”, diz ao JN o arquiteto, frisando que, hoje, há outras formas igualmente eficazes de travar a passagem de um ponto para outro.

“Há elementos da arquitetura que impedem que as pessoas saltem do interior para o exterior. Não são é grades”, explica Jorge Mealha, autor dos princípios-base que, no futuro, irão orientar os projetistas das prisões portuguesas.

“PÁTIOS” AUTÓNOMOS

O modelo é, na prática, bastante simples: a um primeiro perímetro exterior de baixa segurança – “onde circulam visitantes e funcionários não especializados” –, segue-se uma zona intermédia, que, além de albergar espaços como a cozinha geral e a lavandaria, é palco de atividades de educação e valorização profissional.

A partir daqui, surgem vários módulos autónomos entre si, que serão a casa, cada um, de, no máximo,

100 reclusos. Os “quartos” são no primeiro e segundo andares. Para o rés do chão estão previstas duas salas de atividades – que poderão ser, por exemplo, uma biblioteca ou um ginásio – e uma sala de estar.

“A transição entre cada uma destas zonas é sempre feita só através de um ponto de alta segurança”, acrescenta o arquiteto, que acredita que, com este desenho, será possível aumentar a disponibilidade dos reclusos para se reabilitarem e, assim, se reintegrarem mais facilmente na sociedade (ler entrevista ao lado).

O projeto nasceu por iniciativa do Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos de Justiça e contou com a participação desta entidade, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP).

“É uma experiência nunca antes vista em Portugal, por ter a Academia envolvi-

RETRATO DO SISTEMA

12815

12815 pessoas cumpriam pena de prisão, no último dia 1, em cadeias nacionais, segundo os dados mais recentes da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. São, na maioria, homens (11 989).

49

49 prisões atualmente estão em funcionamento em todo o país, incluindo nas regiões autónomas. Entre elas, está uma exclusiva para jovens (Leiria) e uma hospitalar, em Caxias, Oeiras. No final do ano passado, 25 estavam sobrelotadas.

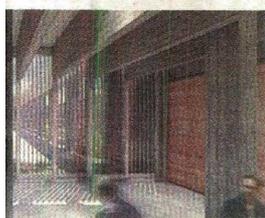
da na construção de estabelecimentos prisionais”, destacou à Lusa o diretor-geral da DGRSP, Rómulo Mateus, refutando que se trate de uma questão de sobrelotação. Em dezembro, metade das 49 prisões nacionais tinha reclusos a mais.

“Quando falamos em construir, não estamos à procura de mais espaço, mas sim de melhor espaço”, argumentou o dirigente.

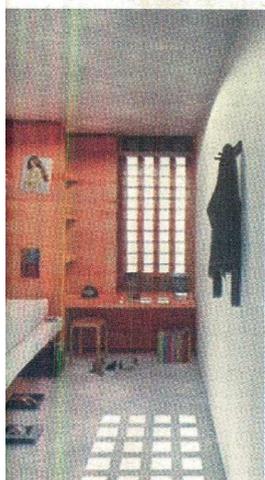
120 MILHÕES INVESTIDOS

No caso do Estabelecimento Prisional do Montijo, está prevista a existência de 64 mil metros quadrados de espaços exteriores, com oito campos para a prática desportiva. Já na cadeia de Ponta Delgada, serão 41 mil metros quadrados destinados, entre outras valências, a cinco campos de jogos. O investimento oscilará, no total, entre os 110 e os 120 milhões euros.

A ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, já anunciou que o concurso para a construção destas prisões será lançado no final do próximo ano. E não exclui a hipótese de o modelo vir a ser aplicado noutras áreas. ●



Quartos com beliches, salas de estar e alamedas são algumas das propostas. Haverá atividades de formação



NO ESTRANGEIRO

Mas d'Enric, Tarragona, Espanha

Inaugurada no final de 2015, é a prisão mais moderna de Espanha e tem acolhido, nos últimos meses, alguns dos independentistas catalães a braços com a justiça. Os reclusos praticamente só passam a noite nas celas e, da janela, veem o pátio e hortas a seu cargo. Dispõem ainda de ginásio, campos de basquetebol e piscina.

Bastoy, Noruega

Localizada numa ilha a sul do país, perto de Oslo, é considerada a prisão mais agradável do Mundo. Os reclusos – que incluem assassinos e violadores – vivem em casas de madeira, podem passear de bicicleta e tratar dos animais da espécie de quinta que os alberga. Não há guardas nem celas e, no verão, os presos podem ir à praia. Apenas 16% dos reclusos que ali cumprem pena reincidem.

Hunter Correctional Center, Austrália

Atualmente casa de 400 reclusos, é uma prisão de alta segurança, mas é em camaratas que os presos dormem. Em ilhas de 25 pessoas, cada um tem o seu compartimento, com uma cama e dispositivos “touch” ligados, de forma condicionada, ao exterior. Durante o dia, trabalham e participam noutras atividades. São vigiados por câmaras 24 horas por dia, sem possibilidade de se esconderem.

Jorge Mealha Para o arquiteto que trabalhou no conceito inovador, toda a sociedade ganha quando um preso se torna mais capaz e não regressa à cadeia

POR
Inês Banha
 ines.banha@jn.pt

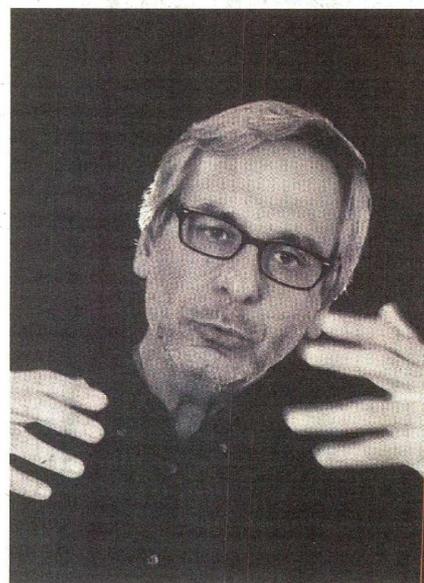
O responsável pela definição dos princípios das novas prisões defende que, com este desenho, os reclusos estarão dispostos a adotar outros comportamentos, com benefícios para todos.

Quais são as particularidades do modelo de prisão agora proposto?

É sobretudo uma mudança de paradigma. As prisões, até uma grande parte do século XX, foram sempre vistas como depósitos para castigos. Pessoas que, de alguma maneira, tinham comportamentos considerados inaceitáveis pelo resto da sociedade eram castigadas e isoladas nas prisões. A partir do último quarto do século XX, há uma nova perspetiva sobre estes espaços de enclausuramento como espaços de recuperação ou reinserção de duas áreas fundamentais: social e profissional. Ou seja, há a perceção de que é positivo para a sociedade que uma pessoa que passe pelo sistema não regresse, que se torne socialmente apta e profissionalmente mais capaz.

Qual é a importância dessa mudança de paradigma a nível arquitetónico?

É muito importante, porque a arquitetura tem de ser diferente. A arquitetura tem de deixar de ser de alguma maneira estigmatizante e tem de permitir que as pessoas estejam mais disponíveis a ouvir e a perceber que podem ter comportamentos diferentes. E, por outro lado, terem também a noção de que podem aprender competências e que isso é vantajoso para elas. É o que nós chamamos a diminuição do



Jorge Mealha, arquiteto

stress, que permite uma forte diminuição da agressividade e, portanto, uma maior permeabilidade a ideias diferentes. As prisões passam a ser pensadas como mais um equipamento que a sociedade tem de equilíbrio social, como as escolas e os hospitais. Não é só um local de castigo. É nessa perspetiva que este projeto é feito.

Estamos preparados, enquanto sociedade, para essa perspetiva?

Estamos, claramente. A privação de liberdade e o conjunto de regras que a vida obrigatoriamente tem de cumprir numa prisão é duríssima. A privação de liberdade, toda aquela disciplina, toda aquele conjunto de regras são suficientemente penalizantes. Não temos de, por cima disso, um bocadinho à maneira dos séculos XVII e XVIII, ainda ir mas-

“O nosso modelo não permite o mesmo grau de liberdade das prisões nórdicas”

“Não temos, à maneira dos séculos XVII e XVIII, de massacrar as pessoas”

sacar as pessoas. Até por isso não nos leva nada. Se a prisão permitir que, do ponto de vista social e do ponto de vista profissional, um indivíduo possa fazer um percurso de reabilitação, ele nunca mais vai custar dinheiro aos outros todos. Hoje em dia, sobretudo com o nível de educação que gradualmente vai aumentando e apesar dos comentários muitas vezes impensados que surgem nas redes sociais, eu diria que gradualmente a nossa sociedade dá mostras de graus civilizacionais já razoáveis. Até porque o modelo da nossa prisão, se o compararmos com as nórdicas, sendo muito mais agradável do que as pessoas estão habituadas, não permite os mesmos graus de liberdade.

De que forma se manifestam essas diferenças?

Tem sobretudo a ver com a visibilidade e a possibilidade de contacto visual e de voz entre os vários núcleos habitacionais. As estruturas nórdicas assentam mais numa estrutura de campus, em que vários edifícios ocupam uma determinada área verde e a interação entre indivíduos de pátios diferentes é maior. Aqui, por razões específicas de preocupações relativamente à especificidade da nossa população prisional, os pátios estão um bocadinho mais encerrados do que os nórdicos, mas muito mais abertos do que nas prisões que temos tido. Há uma especificidade deste desenho modular que propomos: se, daqui a 20 ou 25 anos, a nossa evolução em termos de tipologia de recluso se alterar, se tiver uma dimensão cívica com menos necessidade de controlo, com grande facilidade nós abrimos a prisão. ●